

Educação, história e práticas pedagógicas em Angola

Prof. Dr. Washington Santos Nascimento (UERJ/Brasil) 

Prof. Dr. Helder Pedro Alicerces Bahu (ISCED/Angola) 

Organizadora deste número temático da revista “Com a palavra, o professor”

Esta edição especial da revista *Com a Palavra o Professor* nasceu a partir das pesquisas dos alunos da disciplina “Historiografia africana: obstáculos e perspectivas” ministrada em 2018 pelo professor Washington Nascimento na primeira turma do mestrado em Ensino da História de África do Instituto Superior de Ciências da Educação da Huíla (ISCED) em Angola. Ele reflete algumas das pesquisas destes discentes, que também são professores de diferentes escolas do sul e sudoeste angolano e muitos agora já são mestres.

A perspectiva da educação trabalhada por eles é muito além da dimensão escolar formal, ela está entranhada na sociedade angolana, enquanto uma prática cotidiana, normativa, mas também carregada de valores. Ela é percebida em diferentes espaços, como por exemplo nas práticas do sagrado no artigo escrito por Arminda Luís. Neste texto ela critica a forma como os saberes construídos a partir da Europa e/ou da perspectiva marxista muitas vezes desconsideraram os saberes endógenos angolanos.

Rosa da Silva analisa a partir do Mutaijé em Angola como é possível escrever uma história africana para os africanos. Como a autora diz o Mutaijé é um gesto simbólico mediante o qual uma das partes (família do noivo) compromete-se ou aceita estabelecer um laço matrimonial com uma determinada pessoa segundo o tribunal costumeiro ou rituais de cada região.

Marcelino dos S. Guilherme investiga o poder político nos estados pré-coloniais Ovakwamatwi e Ovakwanyama evidenciando desta forma práticas educativas e saberes para além dos processos formais trazidos pelos missionários e que mostram os impactos para o sistema de estratificação social destas sociedades.

Além dos trabalhos dos professores-mestrandos do ISCED, a revista traz também pesquisas sobre educação realizadas em outros espaços do país, bem como no Brasil fazendo assim um arco que permite termos uma aproximação aos diferentes cenários possíveis.

Dos centros de ensino situados em Luanda, Instituto Superior Politécnico Tocoísta (ISPT) e do Instituto Superior de Artes (ISART), há relatos de três docentes em torno de suas práticas docentes. Patrício Batsíkama relata de que forma usou a andragogia em suas aulas de história da África, não só no ISPT, com o objetivo de “descolonizar as mentes”. Além disso ele discute os componentes curriculares desta disciplina propondo outros eixos de sistematização

que cumpram este papel de deslocar os discentes e pensar a partir de uma perspectiva endógena e africana esta ordem de temas e conteúdos.

Simão Soneca investiga os motivos que estão na base da escolha dos cursos pelos candidatos do ISART no ano de 2018, usando uma amostragem de 293 Candidatos inscritos nos cursos de Artes Visuais; Design de Moda; Música e Teatro, Soneca nos apresenta um debate valioso em torno do perfil dos estudantes universitários da capital de Angola. Ainda no contexto do ISART, Yuri Agostino debate sobre o ensino de história e cultura africana neste instituto. O autor através de pesquisa entre seus alunos tenta apreender as visões discentes sobre a disciplina e a prática do docente na sala de aula.

Por fim a revista conta ainda com os estudos de duas pesquisadoras brasileiras Claudia Arruda e Priscila Lima é possível apreender de quais formas o partido que assumiu o poder em Angola depois da independência (o MPLA) construiu uma proposta educativa voltada para a formação dos seus militantes que viria posteriormente a estruturar-se enquanto uma política de estado. Particularmente Arruda analisa o Manual Cívico de Combate e Disciplina” e Lima a “As aventuras de Ngunga” escrito por Pepetela. Estas duas obras são importantes para o debate que elas fazem em torno da formação dos quadros do MPLA.

Os textos de tão diversas origens, e como graus de profundidade diferentes, fazem desta edição uma importante porta de entrada para diferentes temas em torno da educação em solo angolano, desde práticas formais até aquelas não formais. Além disso ela aponta caminhos para futuras pesquisas.

Esperamos uma boa leitura de todos e todas

Helder Bahu (ISCED – Huila)
Washington Nascimento (UERJ)